

ALUÍSIO DE AZEVEDO

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.

Aluísio Azevedo.



Em *O Cortiço* narra-se a trajetória dos moradores de habitações populares, ressaltando-se a degradação humana determinada pela convivência num ambiente imerso na promiscuidade, na violência e no vício. Como eixo da narrativa, contrapõe-se a pobreza dos trabalhadores que moram no cortiço ao enriquecimento inescrupuloso de João Romão, dono das casas de aluguel.

O trecho transcrito na epígrafe é a forma com que o narrador (onisciente e em terceira pessoa) descreve as lavadeiras que trabalham diariamente no córrego próximo ao local. Observe os verbos utilizados para caracterizar o movimento das mulheres — *minhocar* e *esfervilhar* — e como gradativamente a agitação ganha vida própria, chegando, por fim, a caracterizar-se na metáfora *larvas no esterco*. Seguindo a estética naturalista, em sua narrativa Aluísio Azevedo privilegia o campo semântico da fisiologia, como uma forma de romper com os idealismos das descrições românticas. Nesse sentido, o ser humano, que anteriormente era visto como um ser privilegiado e eleito, foi rebaixado à condição única de animal que segue seus instintos, vivendo espontaneamente.

O autor acreditava que a literatura era uma forma de conscientizar a sociedade sobre a realidade do país. Sustentando a concepção em moda na época — o meio e a hereditariedade condicionam as relações humanas —, elegeu o cortiço como um agente de sua narrativa.

Cortiço é uma habitação coletiva que penetrou no imaginário social brasileiro como uma representação da *realidade*.



Cortiço carioca, meados dos século XIX.

Semelhante ao uso que atualmente as mídias fazem das imagens de favelas, no século XIX e início do XX, o cortiço tornou-se referência da pobreza e da difícil condição de vida de certos grupos sociais. Aluísio Azevedo filtrou a realidade brasileira, concentrando-se na singular urbanização do Rio de Janeiro, em que coexistem ricos e pobres, explorados e exploradores, em espaços muito próximos.

O escritor assemelha-se a um historiador ao revelar elementos da vida pública brasileira no reinado de D. Pedro II. Mas, mesmo empenhado em “transcrever” a realidade, sua imaginação literária cria uma “certa” realidade, isto é, seu modo de observar e de analisar é uma perspectiva guiada por pensamentos e obras paradigmáticos de sua época.

A partir da segunda metade do século XIX, o ambiente sociocultural europeu apresentou significativas mudanças, devido ao desdobramento da Revolução Industrial, iniciada no século anterior, e ao conseqüente desenvolvimento urbano.

Da França, surgiram obras que se tornaram paradigmas para os escritores ocidentais. Publicada em 1856 pelo francês Gustave Flaubert, *Madame Bovary* tornou-se obra modelar para muitos escritores realistas da época, inaugurando narrativas que romperiam com as idealizações românticas.

Derivado do **Realismo**, o **Naturalismo**¹ acentuou a busca pela observação e pela análise da sociedade, acrescentando a tentativa de explicá-la cientificamente. Aluísio Azevedo aderiu a esta estética, seguindo as concepções de Émile Zola, cujas ideias concentram-se no livro *O Romance Experimental*:

Em uma palavra, devemos trabalhar com os caracteres, as paixões, os fatos humanos e sociais, como o químico e o físico trabalham os corpos brutos, como o fisiólogo trabalha com os corpos vivos. O determinismo domina tudo. É a investigação científica, é o raciocínio experimental que combate, uma por uma, as hipóteses dos idealistas, e substitui os romances de pura imaginação pelos romances de observação e experimentação.

Émile Zola. *O romance experimental*. Perspectiva.

O Naturalismo propunha que a obra literária se tornasse uma arma de combate para reformas sociais.

Tomando como princípio o **Positivismo**² e o **Determinismo**³, as obras naturalistas sondavam a interioridade das personagens, intimamente ligadas ao meio e à herança cultural, social e biológica.

1 **Naturalismo**: movimento literário inaugurado com a publicação da obra *Thérèse Raquin*, escrita por Émile Zola, em 1867.

2 **Positivismo**: teoria científica criada por Augusto Comte que visa aplicar na análise dos fenômenos sociais os princípios de observação, experimentação e análise utilizados nas ciências da natureza.

3 **Determinismo**: teoria artística criada por Hippolyte Taine. Compreende que a obra de arte deve seguir os princípios de raça, meio e hereditariedade para a construção de seus elementos.

O CORTIÇO

As habitações populares do Rio de Janeiro são produtos da exploração e do lucro de João Romão, um imigrante português ganancioso que inicialmente possuía apenas um pequeno estabelecimento comercial no subúrbio. Logo João Romão aproximou-se de Bertoleza, escrava fugida e trabalhadeira, dona da pequena quitanda vizinha, de quem, depois de ganhar a confiança, roubou as economias. Com o dinheiro de Bertoleza, João Romão aumentou sua propriedade. Depois, forjou uma carta de alforria para enganá-la. Passaram a viver juntos. Com o trabalho fervoroso dela e as economias dele, roubavam materiais de construção da vizinhança e construíam cubículos de aluguel. O aumento do cortiço foi simétrico à ganância e à exploração de seu dono, que comprou a pedreira ao lado. Nas casas de aluguel, passaram a viver trabalhadores da pedreira, lavadeiras e outros tipos variados.

Leia, a seguir, uma caracterização de João Romão:

Sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, comprando por dez réis de mel coado o que os escravos furtavam da casa dos seus senhores, apertando cada vez mais as próprias despesas, empilhando privações sobre privações, trabalhando e mais a amiga como uma junta de bois, João Romão veio afinal a comprar uma boa parte da bela pedreira, que ele, todos os dias, ao cair da tarde, assentando um instante à porta da venda, contemplava de longe com um resignado olhar de cobiça.

Aluísio Azevedo. *O Cortiço*. Ática.

Miranda, imigrante português que obteve sua ascensão social por meio do casamento com Estela, construiu um sobrado vizinho ao estabelecimento de João Romão e passou a ser incomodado pelo crescimento do cortiço. Ambos nutriam inveja mútua: Miranda, da liberdade do vendeiro de enriquecer sem precisar submeter-se a um dote; João, do status social que Miranda alcançou.

O sobrado de Miranda e o cortiço de João Romão compõem, inicialmente, um contraponto: de um lado, a vida do trabalhador urbano pobre; de outro, a família de Miranda, habituada a regalias e à hipocrisia das conveniências. No sobrado, além de Miranda, de Estela e da filha Zulmira, viviam como agregados Botelho (um parasita) e Henrique (jovem estudante de Medicina, filho do melhor cliente de Miranda).

Outro cortiço formou-se nas redondezas e seus moradores foram apelidados de *Cabeças de gato*, enquanto os moradores das habitações de João Romão passaram a ser chamados de *Carapicus*. A rivalidade crescente dos moradores tem sua metonímia na disputa amorosa entre o português Jerônimo e o mulato Firmo (este, um *cabeça de gato*) pelo amor de Rita Baiana. O conflito findou com um incêndio que destruiu parte das casas de João Romão, que, aproveitando a oportunidade, reconstruiu o cortiço, fazendo-lhe melhorias.

À medida que enriqueceu, João ambicionava ascensão social. Para alcançá-la, pretendia casar-se com Zulmira, filha de Miranda. Para isso, precisava “livrar-se” de Bertoleza. Denunciou-a a seus antigos donos. A cena final narra o drama de Bertoleza, que, percebendo a traição de seu amante, suicidou-se. Leiamos:

O jantar correu frio e contrafeito; os dois (João Romão e Botelho) sentiam-se ligeiramente dominados por um vago sobressalto. João Romão foi pouco além da sopa e quis logo a sobremesa.

Tomavam café, quando um empregado subiu para dizer que lá embaixo estava um senhor, acompanhado de duas praças, e que desejava falar ao dono da casa.

— *Vou já!* respondeu este. *E acrescentou para o Botelho: — São eles!*

— *Deve ser, confirmou o velho.*

E desceram logo.

— *Quem me procura?... exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém.*

Um homem alto, com ar de estroina⁴, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel.

João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a de frente dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio em torno dele; os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que entrava a polícia.

— *Está aqui com efeito... disse afinal o negociante. Pensei que fosse livre...*

— *É minha escrava, afirmou o outro. Quer entregar-ma?...*

— *Mas imediatamente.*

— *Onde ela está?*

— *Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar...*

O sujeito fez sinal aos dois urbanos, que o acompanharam logo, e encaminharam-se todos para o interior da casa. Botelho, à frente deles, ensinava-lhes o caminho. João Romão ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas.

Atravessaram o armazém, depois de um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, e chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar de frente dela aquele grupo sinistro.

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primeiro senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo.

Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapular, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

— *É esta!* disse aos soldados, que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. — *Prendam-na! É escrava minha!*

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmadas no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

Ospolícias, vendo que ela senão despachava, desembainharam ossabres. Bertoleza, então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois emborcou para frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugiu até o canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Neste momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinham, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito. Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.

Aluísio Azevedo. *O Cortiço*. Ática.

4 **Estroina:** extravagante, boêmio.

O Cortiço é um romance de muitas personagens e merecem destaque as descrições precisas dos tipos, com seus traços psicológicos e suas manias.

Observe o trecho a seguir, em que o narrador apresenta as lavadeiras que habitam o lugar. Repare no detalhamento quase caricatural:

A primeira a pôr-se a lavar foi a Leandra, por alcunha “Machona”, portuguesa feroz, berradora, pulsos cabeludos e grossos, anca de animal do campo. Tinha duas filhas, uma casada e separada do marido, Ana das Dores, a quem só chamavam a “das Dores”, e outra donzela ainda, a Nenen, e mais um filho, o Agostinho, menino levado dos diabos, que gritava tanto ou melhor que a mãe. A das Dores morava em sua casinha à parte, mas toda a família habitava no cortiço.

Ninguém ali sabia ao certo se a Machona era viúva ou desquitada; os filhos não se pareciam uns com os outros. A das Dores, sim, afirmavam que fora casada e que largara o marido para meter-se com um homem do comércio; e que este, retirando-se para a terra e não querendo soltá-la ao desamparo, deixara o sócio em seu lugar. Teria vinte e cinco anos.

Nenendezessete. Espigada, franzina e forte, com uma proazinha de orgulho da sua virgindade, escapando como enguia por entre os dedos dos rapazes que a queriam sem ser para casar. Engomava bem e sabia fazer roupa branca de homem com muita perfeição.

Ao lado da Leandra foi colocar-se à sua tina a Augusta Carne-Mole, brasileira, branca, mulher de Alexandre, um mulato de quarenta anos, soldado de polícia, pernóstico, de grande bigode preto, queixo sempre escanhoado e um luxo de calças brancas engomadas e botões limpos na farda, quando estava de serviço. Também tinham filhos, mas ainda pequenos, um dos quais, a Juju, vivia na cidade com a madrinha que se encarregava dela. Esta madrinha era uma cocote de trinta mil-réis para cima, a Leônia, com sobrado na cidade. Procedência francesa.

Alexandre, em casa, à hora do descanso, nos seus chinéis e na sua camisa desabotoada, era muito chão com os companheiros de estalagem, conversava, ria e brincava, mas envergando o uniforme, encerando o bigode e empunhando a sua chibata, com que tinha o costume de fustigar as calças de brim, ninguém mais lhe via os dentes e então a todos falava teso e por cima do ombro. A mulher, a quem ele só dava tu quando não estava fardado, era de uma honestidade proverbial no cortiço, honestidade sem mérito, porque vinha da indolência do seu temperamento e não do arbítrio do seu caráter.

Junto dela pôs-se a trabalhar a Leocádia, mulher de um ferreiro chamado Bruno, portuguesa pequena e socada, de carnes duras, com uma fama terrível de leviana entre as suas vizinhas.

Seguia-a a Paula, uma cabocla velha, meio idiota, a quem respeitavam todos pelas virtudes que só ela dispunha para benzer eripiselas e cortar febres por meio de rezas e feitiçarias. Era extremamente feia, grossa, triste, com olhos desvaireados, dentes cortados à navalha, formando ponta, como dentes de cão, cabelos lisos, escorridos e ainda retintos apesar da idade. Chamavam-lhe “Bruxa”.

Depois seguiam-se a Marciana e mais a sua filha Florinda. A primeira, mulata antiga, muito séria e asseada em exagero: a sua casa estava sempre úmida das consecutivas lavagens. Em lhe apanhando o mau humor punha-se logo a espanar,

a varrer febrilmente, e, quando a raiva era grande, corria a buscar um balde de água e descarregava-o com fúria pelo chão da sala. A filha tinha quinze anos, a pele de um moreno quente, beijos sensuais, bonitos dentes, olhos luxuosos de macaca. Toda ela estava a pedir homem, mas sustentava ainda a sua virgindade e não cedia, nem à mão de Deus Padre, aos rogos de João Romão, que a desejava apanhar a troco de pequenas concessões na medida e no peso das compras que Florinda fazia diariamente na venda.

Aluísio Azevedo. **O Cortiço**. Ática.

Além dessas, trabalhavam lavando roupas Dona Isabel, mãe de Pombinha, Albino (*sujeito afeminado, fraco, cor de espargo cozido*) e Rita Baiana, mulata admirada pelos moradores do cortiço devido a sua alegria e liberdade. Suas festas eram as mais agitadas da vizinhança e seu modo de dançar encantava pela sensualidade:

Ela saltou no meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, titilando.

Aluísio Azevedo. **O Cortiço**. Ática.

Veja outras personagens que se destacam na narrativa:

- Estela: esposa de Miranda, *senhora pretensiosa com fumaças de nobreza*; devido à sua infidelidade, Miranda mudou a família do centro para a periferia da cidade; porém, a esposa tornou-se amante de Henrique, estudante agregado no sobrado.
- Zulmira: filha de Estela e de Miranda, *tipo acabado de fluminense; pálida, magrinha, com pequeninas manchas roxas nas mucosas do nariz, das pálpebras e dos lábios, faces levemente pintalgadas de sardas. Respirava o tom úmido das flores noturnas, uma brancura fria de magnólia; cabelos castanho-claros, mãos quase transparentes, unhas moles e curtas, como as da mãe, dentes pouco mais claros que a cútis do rosto, pés pequenos, quadril estreito, mas os olhos grandes, negros, vivos e maliciosos.*
- Piedade: quando chegou ao cortiço mostrou-se uma portuguesa trabalhadeira e séria, cuidadosa do marido Jerônimo e da filha Senhorinha. Acompanhou, angustiada, o processo de encantamento de Jerônimo por Rita Baiana e, após sua separação, gradativamente decaiu, tornando-se bêbada. Sua filha passou a ser protegida por Pombinha, após esta ter se tornado cortesã.
- Firmo: mulato capoeirista, inicialmente amante de Rita Baiana, mas que foi assassinado numa emboscada armada por Jerônimo.

TRANSIÇÃO DO ESPONTÂNEO AO DIRIGIDO

A exploração inescrupulosa de João Romão foi compreendida pelo professor Antonio Candido como um exemplo de “primitivismo econômico”, uma vez que era baseada na exploração brutal do trabalho servil, na usura e no roubo. Como vimos, após ter se tornado rico, João passou a desejar o *status* e o cortiço acompanhou a mudança de seu dono, não só mudando arquitetonicamente, mas também de nome: após a reforma, deixou de ser chamado “Carapicus” e tornou-se “Vila São Romão”.

Antonio Candido também percebeu na narrativa uma certa dialética entre o espontâneo e o dirigido, a natureza e a civilização, o biológico e o mecânico, a qual move as relações no livro.

Veja a análise do crítico:

"No começo é como se o cortiço fosse regido por lei biológica; entretanto a vontade de João Romão parece ir atenuando o ritmo espontâneo, em troca de um caráter mais mecânico de planejamento. Os dois ritmos estão sempre presentes, mas o desenvolvimento da narrativa implica lento predomínio do segundo sobre o primeiro, como se a iniciativa do capitalista estrangeiro fosse enformando e orientando o jogo natural das condições locais. Ele usa as forças do meio, não se submete a elas; se o fizesse, perderia a possibilidade de se tornar capitalista e se transformaria num episódio do processo natural, como acontece com o seu patricio Jerônimo, o cavouqueiro hercúleo que opta pela adesão à terra e é tragado por ela.

Isso leva a pensar que é importante no livro certa dialética do espontâneo e do dirigido, que pode ser percebida no desdobramento virtual do cortiço depois do incêndio, quando João Romão reconstrói as casas com mais largueza e num alinhamento melhor, estabelece horas de entrada e suprime a antiga incoordenação. Os moradores inadaptados são expulsos ou se expulsam, indo continuar o ritmo da desordem no cortiço próximo e rival, denominado Cabeça de Gato. O cortiço renovado é descrito por uma imagem de cunho mecânico, quando o antigo sempre o fora por meio de imagens orgânicas, que continuam a ser usadas para o cortiço desorganizado que recebe os seus rebotalhos. A passagem do espontâneo ao dirigido manifesta a acumulação do capital, que disciplina à medida que se disciplina, enquanto o sistema metafórico passa do orgânico da natureza para o mecânico do mundo urbanizado."

Antonio Candido. *O discurso e a cidade*. Duas Cidades.

Observe a mudança no campo semântico para descrever o cortiço no início e ao final do livro.

Primeiramente, vamos ler a descrição que apresenta o amanhecer no cortiço para observar as expressões de cunho orgânico que o narrador utiliza:

Eram cinco da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas uma infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.

A roupa lavada, que ficara de véspera nos coadouras, umedecia o ar e punha-lhe um farto acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas.

Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saíam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando à luz nova do dia.

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma glomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhe a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes despersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Aluísio Azevedo. *O Cortiço*. Ática.

No primeiro parágrafo, a personificação do cortiço evidencia a imagem de que o lugar é um todo orgânico, com vida própria: *o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas uma infinidade de portas e janelas alinhadas*. O próprio título do romance destaca o cortiço como um agente que degrada as muitas personagens que vivem nele.

Aluísio Azevedo, como muitos escritores naturalistas, lançou mão de recursos linguísticos como descrições animalizantes e termos do campo semântico da fisiologia. Essas referências sistematicamente animalizadoras às personagens

conotam o intuito de rebaixamento e desumanização, uma vez que o uso desses substantivos, verbos e adjetivos eram considerados brutais para o discurso da época. Note que o barulho das pessoas é caracterizado como zumbido de insetos e a aglomeração delas é vista de forma animalizante:

... em volta das bicas era um zunzum crescente; uma glomeração tumultuosa de machos e fêmeas.

A indistinção entre humanos e animais também está marcada no quarto parágrafo por meio do paralelismo:

No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas.

Já destacamos a astúcia do autor nas descrições precisas. Note também que, muitas vezes, elas privilegiam o sensorial, levando o leitor a uma apreensão impressionista (privilegiadamente visual, olfativa e auditiva) da narrativa, como na sequência:

... pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros.

Retomando a análise do professor Candido, nesse momento inicial o cortiço é regido pela espontaneidade e pela natureza:

Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Diferentemente da força mecânica que o move ao final do livro:

A feroz engrenagem daquela máquina terrível, que nunca parava, ia já lançando os dentes a uma nova camada social que, pouco a pouco, se deixaria arrastar inteira lá para dentro. Começavam a vir estudantes pobres, com os seus chapéus desabados, o paletó foveiro, uma pontinha de cigarro a queimar-lhe a penugem do buço, e as algibeiras muito cheias, mas só de versos e jornais; surgiram contínuos de repartições públicas, caixeiros de botequim, artistas de teatro, condutores de bondes, e vendedores de bilhetes de loteria. (...)

Aluísio Azevedo. *O Cortiço*. Ática.

Espontâneo e dirigido, natureza e racionalismo seriam modos opostos de se relacionar entre si e com a cultura que explicariam a trajetória vitoriosa dos portugueses João Romão e Miranda, cujo contraponto foi o destino do português Jerônimo. Os primeiros, movidos pelo desejo racionalista de enriquecimento, dirigiram seus esforços para a ascensão social, alcançando-a. Jerônimo degradou-se por aderir aos prazeres e deixar-se dominar pela natureza (os instintos guiavam-no).

Casado com Piedade e sustentando a filha em colégio, inicialmente Jerônimo era um português trabalhador. Mas, ao apaixonar-se por Rita Baiana (mulata comprometida com o capoeirista Firmo), aos poucos Jerônimo foi tragado pelos cheiros, sabores e prazeres tropicais, “abrasileirando-se”, como mostra o início do capítulo IX.

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati “prá cortar a friagem”.

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe⁵ agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição; para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente⁶ e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abraçara-se. A sua casa perdeu aquele ar sombrio e concentrado que a entristecia; já apareciam por lá alguns companheiros de estalagem, para dar dois dedos de palestra nas horas de descanso, e aos domingos reunia-se gente para o jantar. A revolução afinal foi completa: a aguardente de cana substituiu o vinho; a farinha de mandioca sucedeu à broa; a carne-seca e o feijão-preto ao bacalhau com batatas e cebolas cozidas; a pimenta-malagueta e a pimenta-de-cheiro invadiram vitoriosamente a sua mesa; o caldo verde, a açorda e o caldo de unto foram repelidos pelos ruivos e gostosos quitutes baianos, pela muqueca, pelo vatapá e pelo caruru; a couve à mineira destronou a couve à portuguesa; o pirão de fubá ao pão de rala, e, desde que o café encheu a casa com o seu aroma quente, Jerônimo principiou a achar graça no cheiro do fumo e não tardou a fumar também com os amigos.

Aluísio Azevedo. *O Cortiço*. Ática

A transformação de Jerônimo é retratada como uma forma de degradação. Importante notar que a ideologia predominante entre os intelectuais da época explicava a situação de atraso econômico do Brasil por meio da aplicação sociológica de concepções darwinistas e deterministas, cujos discursos entendiam o povo mestiço e o ambiente tropical determinantes de uma inferioridade. Na época, disseminou-se o imaginário preconceituoso em relação aos mestiços e aos povos historicamente colonizados.

O SOL E A SENSUALIDADE

Também destaca-se na obra a trajetória de Pombinha, filha da velha Isabel, senhora portuguesa que, ao se tornar viúva, passou a trabalhar como lavadeira, guardando certos ares aristocráticos para com a frágil filha:

A filha era a flor do cortiço. Chamavam-lha Pombinha. Bonita, posto que enfermiça e nervosa ao último ponto; loura, muito pálida, com uns modos de menina de boa família. A mãe não lhe permitia lavar, nem engomar, mesmo porque o médico a proibira expressamente.

5 **Patenteavam:** tornar evidente, manifestar.

6 **Imprevidente:** sem cautela, descuidado

Tinha o seu noivo, o João da Costa, moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas, com muito futuro, e que a adorava e conhecia desde pequenita; mas Dona Isabel não queria que o casamento se fizesse já. É que Pombinha, orçando aliás pelos dezoito anos, não tinha ainda pago à natureza o cruento tributo da puberdade, apesar do zelo da velha e dos sacrifícios que esta fazia para cumprir à risca as prescrições do médico e não faltar à filha o menor desvelo. No entanto, coitadas! daquele casamento dependia a felicidade de ambas, porque o Costa, bem empregado como se achava em casa de um tio seu, de quem mais tarde havia de ser sócio, tencionava, logo que mudasse de estado, restitui-las ao seu primitivo círculo social. A pobre velha desesperava-se com o fato e pedia a Deus, todas as noites, antes de dormir, que as protegesse e conferisse à filha uma graça tão simples que ele fazia, sem distinção de merecimento, a quantas raparigas havia pelo mundo.

Aluísio Azevedo. *O Cortiço*. Ática.

Ao fazer com que a menstruação de Pombinha seja assunto público dos moradores do cortiço, o narrador rompeu com idealismos, de forma crua e desmistificadora. Como o próprio nome indica, inicialmente a personagem ganhara tons angelicais (de pomba) e, zelada por todos, Pombinha retribuía o apreço dos moradores como escritora de cartas.

Um dos momentos instigantes da narrativa é o desabrochar sexual da moça, após ser violentada sexualmente por Leônia (ex-moradora que se tornara cortesã), Pombinha desperta para a sensualidade e menstrua. O trecho a seguir narra o devaneio de Pombinha, deitada no capinzal, momentos antes da chegada de suas regras:

Começou logo a sonhar que em redor ia tudo se fazendo de um cor-de-rosa, a princípio muito leve e transparente, depois mais carregado, e mais, e mais, até formar-se em torno dela uma floresta vermelha, cor de sangue, onde largos tinhorões rubros se agitavam lentamente.

E viu-se nua, toda nua, exposta ao céu, sob a tépida luz de um sol embriagador, que lhe batia de chapa sobre os seios.

Mas, pouco a pouco, seus olhos, posto que bem abertos, nada mais enxergavam do que uma grande claridade palpitante, onde o sol, feito de uma só mancha reluzente, oscilava como um pêndulo fantástico. (...)

Uma sofreguidão lúbrica, desensofrida, apoderou-se da moça; queria a todo custo que a borboleta pousasse nela, ao menos um instante, um só instante, e a fechasse num rápido abraço dentro das suas asas ardentes. Mas a borboleta, sempre doída, não conseguia deter-se, mal se adiantava, fugia logo, irrequieta, desvairada de volúpia.

— Vem! Vem! Suplicava a donzela, apresentando o corpo. Pousa um instante em mim! Queima-me a carne no calor das tuas asas!

E a rosa, que tinha ao colo, é que parecia falar e não ela. De cada vez que a borboleta se avizinhava com as suas negaças, a flor arregaçava-se toda, dilatando as pétalas, abrindo o seu pistilo vermelho e ávido daquele contato com a luz.

— Não fujas! Não fujas! Pousa um instante!

A borboleta não pousou; mas, num delírio, convulsa de amor, sacudiu as asas com mais ímpeto e uma nuvem de poeria dourada desprende-se sobre a rosa, fazendo a donzela soltar gemidos e suspiros, tonta de gosto sob aquele eflúvio luminoso e fecundante.

Nisto, Pombinha soltou um ai formidável e despertou sobressaltada, levando logo ambas as mãos ao meio do corpo. E feliz, e cheia de susto ao mesmo tempo, a rir e a chorar, sentiu o grito da puberdade sair-lhe afinal das entranhas, em uma onda vermelha e quente.

A natureza sorriu-se comovida. Um sino, ao longe, batia alegre as doze badaladas do meio-dia. O sol, vitorioso, estava a pino e, por entre a copagem negra da mangueira, um dos seus raios descia em fio de ouro sobre o ventre da rapariga, abençoando a nova mulher que se formava para o mundo.

Aluísio Azevedo. *O Cortiço*. Ática

Os elementos do devaneio de Pombinha (rosa de veludo carmesim e borboleta de fogo) circundam a imagem do sol como uma força vitoriosa da natureza. O calor do sol é uma alegoria transformadora que se repete ao longo da obra, como nas conclusões de Piedade, para quem a natureza quente e “brasileira” será culpada pelas mudanças em Jerônimo:

...não era contra o marido que se revoltava, mas sim contra aquele sol crapuloso, que fazia ferver o sangue aos homens e metia-lhes no corpo luxúrias de bode. Poderia rebelar-se contra aquela natureza alcoviteira, que lhe roubava o seu homem para dá-lo a outra, porque a outra era gente do seu peito e ela não.⁷

Em *O Cortiço*, as figuras femininas são compostas a partir de imagens tipos, como:

- a mulher explorada pelo homem, de que são exemplos Bertoleza e Zulmira (a primeira, explorada em sua força de trabalho; a segunda, como degrau para ascensão social de João Romão);
- a mulher que opera trocas em nível de igualdade (sujeito e objeto na relação com o masculino), como na troca de conveniências entre Estela e Miranda e, mais tarde, no casal Rita e Jerônimo, para quem representava uma ascensão ligar-se a um “macho da raça superior”;
- a mulher que se coloca como independente e senhora do outro, como a cortesã Leônia e, ao final, Pombinha (após casar-se e tornar-se adúltera, transformando-se em cortesã, unindo-se a Leônia).

É preciso tomar contato com a obra para compreender o complexo movimento e o desenrolar dos dramas de suas personagens. Muitas vivem um processo de degradação, revelando uma perspectiva pessimista do autor sobre a realidade brasileira de sua época. Realidade filtrada por concepções “científicas” em moda naquele momento histórico, como o darwinismo social e o determinismo, pressupostos que, na história do pensamento dos séculos XX e XXI, mostraram-se ultrapassados. Importante entendermos a perspectiva do autor e de sua época para conhecermos melhor nossa herança ideológica. Boa leitura!

7 Aluísio Azevedo. *O Cortiço*. São Paulo: Ática, 36ª. ed., 2008.

DIÁLOGO ENTRE TEXTOS

O professor Antonio Candido aproximou o processo de sedução que Iracema, na obra homônima de José de Alencar, opera no português Martins Soares Moreno à do português Jerônimo por Rita Baiana em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. A índia e a mulata (ambas representam o Brasil tropical, com seus perigos e prazeres) possuem corpos sensuais e utilizam bebidas (o licor da jurema, por Iracema; o café e a cachaça, por Rita) que penetram nos homens e os seduzem.

ATIVIDADES

01. (UF-Viçosa- MG) Leia o fragmento de *O Cortiço*, que se refere à personagem Pombinha:

E na sua alma enfermiça e aleijada, no seu espírito rebelde de flor mimosa e peregrina criada num monturo, violeta infeliz, que um estrume forte demais para ela atrofiara, a moça pressentiu bem claro que nunca daria de si ao marido que ia ter uma companheira amiga, leal e dedicada; pressentiu que nunca o respeitaria sinceramente como a um ser superior por quem damos a vida; que nunca lhe votaria entusiasmo, e por conseguinte nunca lhe teria amor; desse de que ela se sentia capaz de amar alguém, se na terra houvera homens dignos disso. Ah! Não o amaria decerto, porque o Costa era como os outros, passivo e resignado, aceitando a existência que lhe impunham as circunstâncias, sem ideais próprios, sem temeridades de revolta, sem atrevimentos de ambição, sem vícios trágicos, sem capacidade para grandes crimes; era mais um animal que viera ao mundo para propagar a espécie; um pobre-diabo enfim que já a adorava cegamente e que mais tarde, com ou sem razão, derramaria aquelas mesmas lágrimas, ridículas e vergonhosas, que ela vira decorrendo em quentes camarinhas pelas ásperas e maltratadas barbas do marido de Leocádia.

Aluísio Azevedo

O autor do romance naturalista, sob a influência das teorias científicas, apresenta o ser humano como um "caso" a ser analisado, deixando em segundo plano seu lado espiritual.

No texto mencionado, a personagem Pombinha reflete a influência do determinismo ambiental? Justifique sua resposta.

- (UNIFESP) Texto para as questões 02 e 03

O Cortiço

Fechou-se um entra e sai de marimbondos defronte daquelas cem casinhas ameaçadas pelo fogo. Homens e mulheres corriam de cá para lá com os tarecos ao ombro, numa balbúrdia de doidos. O pátio e a rua enchiam-se agora de camas velhas e colchões espocados. Ninguém se conhecia naquela zumba de gritos sem nexo, e choro de

crianças esmagadas, e pragas arrancadas pela dor e pelo desespero. Da casa do Barão saíam clamores apopléticos; ouviam-se os guinchos de Zulmira que se espolinha com um ataque. E começou a aparecer água. Quem a trouxe? Ninguém sabia dizê-lo; mas viam-se baldes e baldes que se despejavam sobre as chamas.

Os sinos da vizinhança começaram a badalar. E tudo era um clamor.

A Bruxa surgiu à janela da sua casa, como à boca de uma fofalha acesa. Estava horrível; nunca fora tão bruxa. O seu moreno trigueiro, de cabocla velha, reluzia que nem metal em brasa; a sua crina preta, desgrenhada, escorrida e abundante como as das éguas selvagens, dava-lhe um caráter fantástico de fúria saída do inferno. E ela ria-se, ébria de satisfação, sem sentir as queimaduras e as feridas, vitoriosa no meio daquela orgia de fogo, com que ultimamente vivia a sonhar em segredo a sua alma extravagante de maluca.

La atirar-se cá para fora, quando se ouviu estalar o madeiramento da casa incendiada, que abateu rapidamente, sepultando a louca num montão de brasas.

Aluísio Azevedo

02. Em *O Cortiço*, o caráter naturalista da obra faz com que o narrador se posicione em terceira pessoa, onipresente, preocupado em oferecer uma visão crítico-analítica dos fatos. Apesar disso, a sugestão de que o narrador é testemunha pessoal e muito próxima dos acontecimentos narrados aparece de modo mais direto e explícito em:
- Fechou-se um entra e sai de marimbondos defronte daquelas cem casinhas ameaçadas pelo fogo.*
 - Ninguém sabia dizê-lo; mas viam-se baldes e baldes que se despejavam sobre as chamas.*
 - Da casa do Barão saíam clamores apopléticos...*
 - A Bruxa surgiu à janela da sua casa, como à boca de uma fofalha acesa.*
 - La atirar-se cá para fora, quando se ouviu estalar o madeiramento da casa incendiada...*

03. Releia o fragmento de *O Cortiço*, com especial atenção aos dois trechos a seguir.

Ninguém se conhecia naquela zumba de gritos sem nexo, e choro de crianças esmagadas, e pragas arrancadas pela dor e pelo desespero.

E começou a aparecer água. Quem a trouxe? Ninguém sabia dizê-lo; mas viam-se baldes e baldes que se despejavam sobre as chamas.

No fragmento, rico em efeitos descritivos e soluções literárias que configuram imagens plásticas no espírito do leitor, Aluísio Azevedo apresenta características psicológicas de comportamento comunitário.

Aponte a alternativa que explicita o que os dois trechos têm em comum.

- a) Preocupação de um em relação à tragédia do outro, no primeiro trecho, e preocupação de poucos em relação à tragédia comum, no segundo trecho.
- b) Desprezo de uns pelos outros, no primeiro trecho, e desprezo de todos por si próprios, no segundo trecho.
- c) Angústia de um não poder ajudar o outro, no primeiro trecho, e angústia de não se conhecer o outro, por quem se é ajudado, no segundo trecho.
- d) Desespero que se expressa por murmúrios, no primeiro trecho, e desespero que se expressa por apatia, no segundo trecho.
- e) Anonimato da confusão e do "salve-se quem puder", no primeiro trecho, e anonimato da cooperação e do "todos por todos", no segundo trecho.

04. (UNIFESP)

O Cortiço

Jerônimo bebeu um bom trago de parati, mudou de roupa e deitou-se na cama de Rita.

— *Vem pra cá... disse, um pouco rouco.*

— *Espera! espera! O café está quase pronto!*

E ela só foi ter com ele, levando-lhe a chávena fumegante da perfumosa bebida que tinha sido a mensageira dos seus amores (...)

Depois, atirou fora a saia e, só de camisa, lançou-se contra o seu amado, num frenesi de desejo doido.

Jerônimo, ao senti-la inteira nos seus braços; ao sentir na sua pele a carne quente daquela brasileira; ao sentir inundar-se o rosto e as espáduas, num eflúvio de baunilha e cumaru, a onda negra e fria da cabeleira da mulata; ao sentir esmagarem-se no seu largo e peludo colo de cavouqueiro os dois globos túmidos e macios, e nas suas coxas as coxas dela; sua alma derreteu-se, fervendo e borbulhando como um metal ao fogo, e saiu-lhe pela boca, pelos olhos, por todos os poros do corpo, escandescendo, em brasa, queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprímíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra, numa agonia extrema, sobrenatural, uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno.

Aluísio Azevedo

O Cortiço, obra naturalista:

- a) traduziu a sensualidade humana na ótica do objetivismo científico, o que se alinha à grande preocupação espiritual.
- b) fez análises muito subjetivas da realidade, pouco alinhadas ao cientificismo predominante na época.
- c) explorou as mazelas humanas de forma a incitar a busca por valores éticos e morais.
- d) não pôde ser considerado um romance engajado, pois deixou de lado a análise da realidade.
- e) tratou de temas de patologia social, pouco explorados nas escolas literárias que o precederam.

05. (ESPM) Dos segmentos a seguir, extraídos de **O Cortiço**, de Aluísio Azevedo, marque o que não traduza exemplo de zoomorfismo:

- a) *Zulmira tinha então doze para treze anos e era o tipo acabado de fluminense; pálida, magrinha, com pequeninas manchas roxas nas mucosas do nariz, das pálpebras e dos lábios, faces levemente pintalgadas de sardas.*
- b) *Leandra...a Machona, portuguesa feroz, berradora, pulsos cabeludos e grossos, anca de animal do campo.*
- c) *Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas.*
- d) *E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa começou a minhocar,... e multiplicar-se como larvas no esterco.*
- e) *Firmo, o atual amante de Rita Baiana, era um mulato pachola, delgado de corpo e ágil como um cabrito...*

06. (ITA) Assinale a alternativa em que se completa **erradamente** a seguinte proposição:

Do romance **O Cortiço**, pode-se dizer que:

- a) é um romance urbano.
- b) o autor admite a influência do meio no comportamento do indivíduo.
- c) alcança a época da escravidão.
- d) Romão é tudo, menos um ingrato.
- e) o protagonista não se contenta com a ascensão econômica, quer a social também.

07. (ITA) Acerca do romance **O cortiço**, de Aluísio Azevedo, **não** é correto dizer que:

- a) todas as personagens, por serem muito pobres, enveredam pelo mundo do crime ou da prostituição.
- b) as personagens, ainda que todas sejam pobres, possuem temperamentos distintos, tais como Bertoleza, Rita Baiana e Pombinha.
- c) homens e mulheres são, na sua maioria, vítimas de uma situação de pobreza que os desumaniza muito.
- d) as personagens, na sua maioria, sejam homens ou mulheres, vivem quase que exclusivamente em função dos impulsos do desejo e da perversidade sexual.
- e) a vida difícil das personagens, tão ligadas à criminalidade e à prostituição, é condicionada pelo meio adverso em que vivem e por problemas biopatológicos.

08. (PUC-RS) Leia o texto abaixo e as afirmativas a seguir, para assinalar a alternativa correta.

O Cortiço

E maldizia soluçando a hora em que saíra da sua terra; essa boa terra cansada, velha como que enferma; essa boa terra tranquila, sem sobressaltos nem desvarios de juventude. Sim, lá os campos eram frios e melancólicos, de um verde alourado e quieto, e não ardentes e esmeraldinos e afogados em tanto sol e em tanto perfume como o deste inferno, onde em cada folha que se pisa há debaixo um réptil venenoso, como em cada flor que desabotoa e em cada moscardo que adeja há um vírus de lascívia.

Lá, nos saudosos campos da sua terra, não se ouvia em noites de lua clara roncar a onça e o maracajá, nem pela manhã ao romper do dia, rilhava o bando truculento das queixadas, lá não varava pelas florestas a anta feia e terrível, quebrando árvores; lá a sucuruju não chocalhava a sua campainha fúnebre, anunciando a morte, nem a coral esperava traidora o viajante descuidado para lhe dar o bote certo e decisivo; lá o seu homem não seria anavalhado pelo ciúme de um capoeira; lá Jerônimo seria ainda o mesmo esposo casto, silencioso e meigo; seria o mesmo lavrador triste e contemplativo como o gado que à tarde levanta para o céu de opala o seu olhar humilde, compungido e bíblico.

Aluisio Azevedo

- I. A diferença entre a velha e a nova terra é marcada pela força da natureza que transforma a vida e o comportamento do homem.
- II. Expressões como "cansada", "enferma", "frios e melancólicos" assumem uma conotação positiva para a mulher de Jerônimo, ao definirem o espaço da felicidade perdida na velha terra.
- III. As ações dos animais, pintadas com os tons fortes do Naturalismo, narram os perigos que Jerônimo e sua mulher vivem na selva.
- IV. O uso da expressão "lá" no trecho destacado indica o espaço das virtudes do marido, da paz doméstica e de uma vida simples e tranquila.

Pela análise das afirmativas, conclui-se que estão corretas apenas:

- a) I e III.
- b) II e III.
- c) III e IV.
- d) I, II e IV.
- e) II, III e IV.

09. (UEL-PR) Na obra-prima que é o romance **O Cortiço**:

- a) podemos surpreender as características básicas da prosa romântica: narrativa passional, tipos humanos idealizados, disputa entre o interesse material e os sentimentos mais nobres.
- b) as personagens são apresentadas sob o ponto de vista psicológico, desnudando-se ante os olhos do leitor graças à delicada sutileza com que o autor as analisa e expressa.
- c) o leitor é transportado ao doloroso universo dos miseráveis e oprimidos migrantes que, tangidos pela seca, abrigam-se em acomodações coletivas, à espera de uma oportunidade.
- d) vemos renascer, na década de 30 do nosso século, uma prosa viril, de cunho regionalista, atenta às nossas mazelas sociais e capaz de objetivar em estilo seco parte de nossa dura realidade.
- e) consagra-se entre nós a prosa naturalista, marcada pela associação direta entre meio e personagens e pelo estilo agressivo que está a serviço das teses deterministas da época.

10. (UFR-RJ) "*O Despertar do Cortiço*"

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente, uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos. As portas das latrinas não descansavam...

Aluisio Azevedo, **O Cortiço**

São características desse texto, consideradas típicas do Naturalismo, entre outras:

- a) o idealismo, o comportamento determinista.
- b) a ênfase no aspecto material da vida, o comportamento sofisticado.
- c) as comparações dos seres humanos com animais, a promiscuidade.
- d) a representação objetiva da vida, o endeusamento do ser humano.
- e) a fuga à realidade, o positivismo exacerbado.

11. (UFSM-RS) Assinale a alternativa correta a respeito de **O Cortiço**.

- a) Na descrição do ambiente, são enfatizadas a degradação e a promiscuidade das personagens.
- b) O texto retrata um estágio do desenvolvimento urbano de São Luís do Maranhão.
- c) A narrativa nega a relação entre o ambiente e o destino das personagens.
- d) Entre tantas personagens mesquinhas, João Romão é apresentado como generoso.
- e) Contrariando a lógica naturalista, não há, em **O Cortiço**, referência à sexualidade das personagens.

12. (UFViçosa-MG) Em **O Cortiço**, Aluísio Azevedo reafirma a ideologia do Naturalismo e cumpre à risca alguns princípios cientificistas vigentes na segunda metade do século XIX.

Dentre as alternativas a seguir, assinale aquela que **não** corresponde às propostas da escola Naturalista.

- a) O caráter determinista da obra tem como símbolo a personagem Pombinha, que, se antes era "pura" e de boa conduta moral, acaba prostituindo-se por força daquele meio sórdido e animalesco.
- b) O narrador de **O Cortiço** acentua o lado instintivo do ser humano através de um processo de zoomorfização, identificando seus personagens a diferentes animais, sobretudo a insetos e vermes, quando os descreve em seu vaivém pelo cortiço.
- c) Ao enfatizar as atitudes inescrupulosas de João Romão para com os habitantes do cortiço, em especial para com a negra Bertoleza, o autor confirma as preocupações sociais do Naturalismo em sua inclinação reformadora.
- d) Os personagens de **O Cortiço** constituem-se, em sua maioria, dos operários das pedreiras, das lavadeiras e de outros miseráveis que ali vivem de forma degradante, o que evidencia a preferência do escritor naturalista pelas camadas mais baixas da sociedade.
- e) Em **O Cortiço**, Aluísio Azevedo exprime um conceito naturalista da vida e, ao idealizar seus personagens, integra-os a elementos de uma natureza convencional.

13. (UFViçosa-MG) Leia o texto a seguir, de **O Cortiço**, e faça o que se pede:

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu, de uma assentada, sete horas de chumbo. (...)

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Aluísio Azevedo

Assinale a alternativa que **não** corresponde a uma possível leitura do fragmento citado:

- a) No texto, o narrador enfatiza a força do coletivo. Todo o cortiço é apresentado como um personagem que, aos poucos, acorda como uma colmeia humana.
- b) O texto apresenta um dinamismo descritivo, ao enfatizar os elementos visuais, olfativos e auditivos.
- c) Através da descrição do despertar do cortiço, o narrador apresenta os elementos introspectivos dos personagens, procurando criar correspondências entre o mundo físico e o metafísico.
- d) O discurso naturalista de Aluísio Azevedo enfatiza nos personagens de **O Cortiço** o aspecto animalesco, "rasteiro" do ser humano, mas também a sua vitalidade e energia naturais, oriundas do prazer de existir.
- e) Observa-se, no discurso de Aluísio Azevedo, pela constante utilização de metáforas e sinestésias, uma preocupação em apresentar elementos descritivos que comprovem a sua tese determinista.